



O MEIRINHO

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 300

Domingo 2 *Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta* SERIE
Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 números 66.

O MEIRINHO.

Fortaleza, 2 de Setembro de 1883.

NEGOCIO GRAVE.

O Meirinho tem a honra e o prazer de cumprimentar aos seus apreciáveis leitores-assignantes, e aproveita a oportunidade para communicar-lhes que já mandou o seu cobrador á rua, afim de receber aquillo com que se compram os melões, isto é: os cobres da assignatura, fallando mais portuguezmente.

Os leitores muito bem sabem — que sem dinheiro nada se faz n'esta vida, onde tudo é movido por elle, ou tudo — cheira á azinhaça e na phrase do classico João Barbado.

E a prova é que sem dinheiro não se compra o papel em que o Meirinho é impresso, nem o impressor quer fazer a sua tiragem, e nem tão pouco o distribuidor quer ir fazer a sua entrega, porque, dizem elles—

*Fiado lhes dão penas,
Além de penas—cuidado,
E p'ra não andarem soffrendo
Deram como pão no fiado.*

Por isso, e pelo mais que dos autos cousta, vão preparando logo a herua-sou-nante, que é para andarmos em dia e em boa paz.

Nada de amollar-nos o cobrador, e a nossa santa paciência!

Aquelle que assim não fizer—terá o seu presente no album da critica ou na galeria do povo, em prosa ou em verso.
Ex: o Claudio e T. Olegario.

Sirva isso de prevenção ou lembrête, afim de mais tarde não cantarem—

*Si eu soubesse qu'era assim
Não assignava o Meirinho,
Para agora está tossindo,
Sem achar um só patrinho.*

Já vêem os leitores que não queremos

briga com Ss. Ss., de quem folgamos ser—amigos, etc., etc.

Não queremos briga, sim, porque—

« Brigam as comadres,
« Descobrem-se as verdades. »

Temos dito.

LITTERATURA.

SIM ?..

Zangada?... Anjo, não creio!

Que tens, moreninha bella?

Fugir não deixes do seio

A flôr que te de, dozeia!

O meo tão sentido pranto

Me vem, creança, apagar.

E as téclas d'este teu canto

Deixa-me, louco, beijar!

Não te entri-teças, miragem

Ditoza, bella vizão!..

Pois si é a tua imagem

Cravada em meo coração!

Ai, não negues, moreninha!

Oh! me farta este dezejo!

Propria dou a vida minha

Por de teos labios — um beijo!

Setembro 83.

Trosac.

ALBUM DA CRITICA.

RISCOS E TRISCOS.

Ridendo dicere quid verum vitat!

Leitores do Meirinho! — Licença p'ra um.

Licença p'ra um, sim, p'ra um que quer fallar ou dizer couzas, e couzas mesmo do arco da velha.

Está dito.

Licença p'ra um, leitores,

P'ra um qu'estando de veio

Fulla até de sua vida
Quanto mais da vida alheia.

§

Começemos por aqui.

A nossa via-ferro de Baturité vai *fama*za — com a direcção dos Srs. *Lassance & Flogars*

Vae... vae... e vae mesmo.

Não é por querer fallar mal, não; mas, na marcha em que elle vae — nem *reza* do padre Zé Pereira a salvo.

O *Libertador* tem dito boas couzas sobre a estrada; porém —

« É malhar em ferro frio,

« É temer contra a maré. »

Os homens são grandes, podem fazer tudo e os *canudos*, e não ha quem lhes vá ao *bojo*.

E a prova é que além de tudo e do mais, o Sr. de *Lassance* acaba de *encalamechar* na estrada um seo *filhote*, sem a menor necessidade d'elle ali.

Dá-se d'isto!...

Quem for *filhote* aproveite

Esta quadra boa e bella!

Seo *Lassance*! — Em quanto vento

Vá deitando agua na vela.

§

O Arraz está feito um *sultão*!

Segundo dizem, tem em sua casa grande numero de *favoritas*, taes como: a *Rosa* do Acarahú, a *Maria* do Nogueira, a *Maria Josepha*, uma pequena da *Pimentel* e mais outras e outras mais.

Está bem, se não o roubarem.

E porque não, se a gaveta do patrão está a ser *disparado*!!.

Quem já viu e hoje vê

O grande juiz de paz

Dirá como eu vou dizer:

— Este Arraz é outro Arraz.

§

Não ha quem não queira ser *poeta*, muito embora a custa dos outros.

Quantos não temos aqui, que vivem a encher os jornaes com bonitos versos, os quaes só têm de seo — o nome, — e mais nada!!

Não se conta.

E a prova está no R. Simões, que *pegou* a poesia de um Sr. João Alberto e offereceo-a a uma sua *Joanninha*, como de sua *lavra*.

Que *cynico*!

Este seo R. Simões

É rapaz *estabanado*:

Quando publico um versito

Ou é *alheio* ou *furtado*.

§

Por fallar em *verso*, leitores, lá vai *verso* também; porém estes — são meus, e são meus mesmo.

Apreciem.

Na rua do Senador

Em *élas* gente se vio,

Porque o jornal *Meirinho*

Com gente boa — *bolio*.

Da Cadeia ao Calçamento

Digo: Praça de Pelotas —

Muita gente fez *fiasco*,

Ramecheram se as *cocotas*.

Uma velha muito velha,

Magra, qual cobra do mar,

Fizera a Deos um *protesto*

De não mais — *alcovitar*.

O nosso José Rufino,

Amigo de seo Simões,

Chegou perder té as *chaves*

Com que *tranca* os *corações*.

O sobrinho do Cordeiro,

Menino bom p'ra *namoro*,

Depois que lêo o *Meirinho*

Andou mesmo em *deizador*.

Uma menina *fofoza*,

Que *namora* — á pé de gallo,

Depois que lêo o *beliga*

Sentio no corpo um *aballo*.

Outra não menos *badeja*,

Namoradeira d'estouro,

Vendo a couza um pouco feia

Quazi que acaba o *namoro*.

Afinal, *charos*, leitores,

Para nós, aqui *boixinho*:

Houve o *diabo* á quatorze

Por cauza do tal *Meirinho*.

§

Outro barulho não pequeno fez também o *pedaçinho* do fumo.

As *señhoras mascadeiras* deram mil diabos ao Sr. *Justus*, que disse justamente o que devia, pois não ha mais nojento e indecente do que uma moça levar o dia e a noite com uma boa *tora* de fumo na bocca, fazendo disso o seo melhor *recreio*.

Não censuro que uma moça limpe seus dentes ou zele a sua bocca... Isto, nunca! Porém, que viva toda *lambuzada* de fumo... é porcaria.

Achei muito justo e justissimo o que disse o Sr. *Justus*; e que elle acabe com esse vicio tão indecente — é quanto eu dezejo.

Deos permitta que elle tambem se lembre dos fumadeiras.

Seo Justus, por sua'alminha,
Ao acabar com as mascantes,
Preste mais outro serviço:
É acabar com as fumantes

§

Um pedaço de ouro, leitores.
Ouçam lá:

— Ah! *Meirinho* de todos os diabos
— que desmanchastes os meus *calculos!*
(Assim dizia uma *fogaret* da Boa Vista
a uma sua conhecida.)

— Porque, mulher?

— Ora, porque?! Porque fez auzen-
tar-se d'aqui o *Manezinho*, que estava
quazi na *jacuman*.

— E elle não vem mais?

— Vem; porém me anda um pouco
arisco... tem *gaziado*... parece que
anda com medo de *fogo*.

— Aquillo é mesmo um *Mané*.

— Por isso mesmo é que eu dezejava
pegal-o! Tem bom *genio*, e dava para o
que eu queria.

— Era mesmo. Aquillo dava para um
bom marido.

— Era um marido mesmo á *geito*; e
se não desse na *forma* dos *pascientes* —
eu dava-lhe cá as *dedicas* competentes,
e elle ficava *mascio* como *lã* de *cagado*.

— Mas elle não voltará?

— Ha de voltar, muito embora a avó
d'elle não goste de nós.

Ou volta ou *Santo Antonio* — *tosse*
na *peia*.

Tendo ouvido tal conversa
Vou dizer aqui p'ra nós:
O pobre do *sarué*
Está, mas em *más* *lenções*.

§

Bilhetinho amorozo

— Seo Claudio, *cara* de *choro*,
Typo de burro *coiceiro*,
Venha pagar o *dinheiro*
Que você deve ao *Meirinho*,
Do contrario, seo *salado*,
Tratarei de sua *conquista*
Da rua da Boa Vista,
Qu'è *soberbo* *pedaço*inho.
Entrarei em tua *vidóca*
Mesmo de *pé* *espalhado*,
E o teo *todo* *desbriado* —
Porei no *olho* da rua!
Veja qui *pôde*; seo *bruto*,
Me poupar desse *trabalho*,
Sinão eu *rasgo* o *baralho*
E a *desgraceira* é só sua.

§

Recados á meo bem.

Seo Theofilo Olegario,
Cara de *forma* de *telha*,
Por vida de sua velha
Venha pagar ao *Meirinho!*
Ninguém aqui está disposto
A tolerar — *estradeiro!*
Vamos! Bulla com o *dinheiro*,
Deixe de ser *saladinho!*

Quem quer ser bom assignante,
Seo cara de *Pae Ventura*,
Não pede uma assignatura
Para depois não pagar!
Por isso, seo *Olegues*,
Já que assignou o *Meirinho*,
Bulla com o *santo* *cobrinho*,
Sinão tem que si *amollar*.

§

É muito *dezaforo*, e *dezaforo* *grosso* —
pedir se uma assignatura do *Meirinho* e
depois não querer pagar!

E!... e é mesmo!...

Porém, certos *canalhas* estão engana-
dos, porque hei de *comer-lhes* o *coiro*
mesmo á *pé* de *gallo*, sem distincção de
côr ou *categoria*.

Quem não pagar a assignatura,
Esteja *finda* ou não *finda*,
Pôde já *considerar-se*
Como dentro da *Berlinda*.

§

Estes *miranhas* são muito *canalhas*.

Desde a *reeleição* do *Rodrigão*, o mi-
nistro *invalido*, que elles insultam com
os *minús*, á quem attribuem e sustentam
— que fizeram *guerra* ao *cujo dito*.

Ainda no *Cearense* N.º 183 lê se o se-
guinte:

« O Dr. *Jaguaribe Filho* foi sustenta-
do em sua candidatura por todo o partido
conservador e até por algumas *influencias*
liberaes d'aqui, as quaes não foram atten-
didas no 4.º *districto*. »

Sabem os leitores quem são essas — *in-*
fluencias liberaes d'aqui — de que falla
o *zabumba* do *Xico Preto*?

— São os *minús*, os *minús* sómente!
E a gente da *Gazeta do Norte* aguenta
estas e outras *chufas* dos *miranhas* e ain-
da vem com *meias* *palavras*!...

Ou gente ruim!... Parece que tem
sangue de *barata*!!

Crido!

Seo *Accioly* não tema
Arrancos de *lobishagem*;
Metta os *pés* na sua *gazeta*!...
Mostre *sustancia* de *homem*.

§
Vou dar com o basto, leiteres, pois o
Theotônio disse-me que não ha mais es-
paço.

Tenho dito, meos leitores,
E mais tinha que dizer;
Mas porém fica p'ra logo,
Ou quando eu apparecer.

O Frade.

GALERIA DO POVO:

MOTTE.

Moça trintona é titia.
Levou o tiro da macaca.

GLOZA.

Quem ama — tem sympathia
A seu bem — seja um cão;
Ladrão badejo é barão,
— Moça trintona é titia!
No matto corre a cutia,
Bezerro é filho de vacca,
Caza de panno é barraca,
Rapaz que luxa é pelintra,
Quem não cazon té os trinta —
— Levou o tiro da macaca.
Agosto — 83.

Laffite.

+

OUTRO.

(A D. E.....)

A moça que tem juizo
Não se coza com o Arraz.

GLOZA.

Dar conselho não preciso,
Acto té desnecessario,
Pois não faz couzas de vario
— A moça que tem juizo!
Ella não tem prejuizo,
Ama a quem bem lhe apraz,
Seja um André, seja um Braz,
Um Ramão ou Zé Urú...
Porém... nem por Belzebut —
— Não se coza com o Arraz!

Fra Diavolo.

+

De pé de gallo!

Outro dia Maricótas
Conversava a côa comigo,
Fiz lhe, então, certos protestos...
— amigo...

Tirei lhe o cermim dos labios
E um cheiro... assim... encontrei...
Grande couza maltractada!
Passei a mão repuneei.

X.

A PEDIDO.

O VICIO.

Em vista de algumas moças das ruas do
Senador Pompêo e Formosa haverem pro-
mettido-me largarem a *mascara* do *Bae-
pendim*, rezolvi esperar mais um pouco,
para vêr se fazem ou não.

O deenganço da vista — é furar os
olhos.

Justus.

—

Ultima hora.

De novo voltamos aos *montões* de na-
moradas e alcoviteiras da rua do Senador
Pompêo de que fallamos no N.º passado.

Em vista de sabermos que muita gente
ficou em duvida, vamos pôr bem patente
quem são as *cynicas* namoradas e alcovi-
teiras de que fallamos.

As namoradas — são aquellas que,
desbragamente, se entregão de corpo e
alma aos *figurinos da moda*, pensando
que por este meio facilitão mais o *caza-
mento*, quando não fazem mais do que
cahiram no ridiculo, e servirem de *diver-
timento* aos *cojos ditos*.

Tenhão vergonha na *lata*, moças!

As *alcoviteiras*, porém, — são aquel-
las que fazem de sua *caza* *coto* de filhas
alheias, ou mesmo suas, fazendo disto
uma especulação vil e miseravel, covando
muitas vezes a ruina de uma familia, a
perdição de uma moça e a desgraça de um
rapaz!

As *typas* que representam um papel tão
infame, que fazem uma especulação tão
vergonhosa, devão ter a sorte que tiveram
os *castens* no Rio de Janeiro, ou irem
passear em Fernando de Noronha!

Miseraveis! tenham criterio e dignida-
de!!

Até o seguinte numero.

Ceará, rua da Palma 116 — Typ. Ameri-
cana — Imp. por T. E. de Almeida.